

DEPOIMENTO DE CIPRIANA DA CRUZ RODRIGUES À COMISSÃO DA VERDADE EM MINAS GERAIS

JOSÉ ALEXANDRE: Ok.

VANUZA: Bom, eu Vanuza Nunes Pereira, assessora da comissão da verdade de Minas Gerais, juntamente com o assessor José Alexandre Sales, estamos aqui no dia 05/02/2015, as 09h44min da manhã no prédio da advocacia geral do estado, na rua Espírito Santos 495, 7º andar em Belo Horizonte, Minas Gerais. Hoje nós vamos aqui ver o depoimento da senhora, Cipriana da Cruz Rodrigues né, a senhora já esteve aqui conosco anteriormente, ela vai continuar dando o depoimento dela, nós sabemos que a senhora Cipriana, ela vivencia uma, vivenciou uma experiência muito forte na luta pela terra, no município de Bom Fianópolis, na fazenda riacho dos cavalos, localidade de Mandiocal, em que o período que seria de 62 à 19993, e que neste contexto ocorreu o assassinato do seu marido, o Senhor Júlio Rodrigues de Miranda, no dia 06 de outubro de 1985, quando a Senhora Cipriana, também foi ferida. É a senhora, Senhora Cipriana, ela chegou a relatar também a respeito do sofrimento, o prejuízo né que causou aos filhos após a morte do pai né, o então marido, e nesse momento Dona Cipriana, nós sabemos que a senhora a pesar da violência né, sabemos que a senhora e seu marido, toda a sua família participaram também da fundação do sindicato dos trabalhadores de Unaí né, no mesmo período. Bom a Senhora nós deu um depoimento no dia 15 de dezembro de 2014, a senhora esteve aqui conosco né, junto a essa comissão. No entanto a senhora deixou clara a sua disposição de complementar né, o depoimento. Então nesse sentido a gente gostaria que a senhora desse continuidade ao depoimento da melhor forma que for para a senhora, né, nós relatando né, o que aconteceu? O que ocorreu né, com a terra? O que quê aconteceu com a senhora? Com a família né, depois do assassinato do marido. Como que a senhora deu continuidade a vida da senhora depois desse acontecimento. Bom Dona Cipriana, a senhora tem toda a liberdade.

CIPRIANA: Obrigada. Bom, eu queria primeiro mostrar aqui que a família, que a gente falou dela, mas não falou, não mostrou quem são, e eu sou a mesma Cipriana (Trecho incompreensível) e estou complementando aquilo que eu já falei da outra vez, e a minha família, que aquilo é o meu estilo de vida, que era de, que era de (Trecho incompreensível) vestir, era uma situação muito apertada, mas eu usava esse método aqui para a gente poder continuar, e já (Trecho incompreensível) sofrimento, era aquela cadeia de passagem que aconteceu, mas eu gostaria agora de, ela está um pouco depois né, que a gente não ficou só naquela (Trecho incompreensível), tivemos algumas melhoras não é, teve muitas dificuldades, mas também, daí para cá a gente teve né, bastante assessoria teve muitas gentes que nós ajudamos [sic], deu uma força muito grande para a gente que era uma família que gente pobre mas honesta, tivemos que trabalhar muito, mas o trabalho deus nos deu todo direito de levantar um pouco mais do que era a situação, aí a gente deu uma volta mais ou menos diferente na vida né, eu quando eu me achei viúva [sic], com os meninos para criar, eu fiquei muito, muito detonada, pensei que até não ia dar conta de me virar, mas deus me ajudou, e as pessoas que me ajudaram também, teve chance de melhorar aqui a saúde, a gente cuida mais da saúde, tem né um genro que, tomou conta do meu plano de saúde e da (Trecho incompreensível) da vida, veio pra cá e a (Trecho incompreensível) de vez em quando, mas tudo tá [sic], com a remedinha que eu tenho estou bem graças a deus [sic], estou dando conta de trabalhar, dando conta de, com a voz meio ruim, mas estou dando conta de falar e tem também que agradecer muito a deus e Maria Santíssima, e os amigos que ajudaram, (Trecho incompreensível) volta também meio drástica na vida, porque eu não fui criada assim, mas aí eu parti para né, levantar a cabeça, comecei a criar novas né ideias na cabeça, comecei a ir para o forro, fui dançar, fui encontrar amigos, fazer mais amizade, porque eu tinha que sobreviver né, depois de tudo, eu tinha que esquecer um pouco do que eu estava passando para mim poder pegar um caminho que ia me levar, mas eu não tinha. Hoje eu estou com 73 anos e então eu ainda tento com os filhos criados, todos com

a média de vida, mais ou menos boa, hoje tem uma casa, mais ou menos boa né, em vista do que eu tinha tenho uma casa boa, tenho tudo que que precisava, energia, água em casa e indisposição, trabalho bastante ainda, faço é, pranto mandioca [sic], faço meu porvio [sic], faço a minha farinha, faço azeite de momana [sic], descobri que estava sendo útil porque o pessoal descobriu que esse remédio é muito bom, e que começou a procurar, procurar e eu comecei a fazer né, e estou fazendo, vendo muito bem, peguei para fazer polpa de fruta, estou fazendo além de usar em casa, e estou servindo a comunidade fazendo a diferença, porque antes tinha um suco que estava fazendo o povo ficar obeso né, agora o suco natural é mais né, mais sensível, mais no jeito de não dá tanta né, tanto peso no corpo da pessoa e hoje tem, nós temos, tínhamos um (Trecho incompreensível) fundar a empresa nessas coisas assim, pouco de fruta, castanha do parú [sic], fazer o (Trecho incompreensível), mas fazer o de mandioca, de cana né, tivemos a ideia de fundar, mas não deu para fundar, que o pessoal (Trecho incompreensível), não deu conta de acompanhar a gente aí eu fiquei quase sozinha, mas cá ainda estou eu com a minha nora e o meu filho trabalhando né, e tamos fazendo alguma coisa ainda [sic], e tenho assim esperanças de fazer mais, quando a gente ver os projetos e depois que entrou aí a graça que Deus mandou, de tudo entrando na residência, ajudou muito, deu a gente muito força, a gente começou a ver que nosso pobre também temos um lugar pra escorar [sic], pra sobreviver e não perder tempo não [sic], todo mundo vai indo atrás né, desenvolver pra ver se faz mais umas coisa dessas, porque nem só pra nós está ocupando a cabeça, ajudando a gente velho e ainda está ajudando na alimentação, na nossa e ainda da comunidade e até do Estado né, e temos força ainda não para fazer tudo, (Trecho incompreensível) estamos lutando para chegar lá.

VANUSA: E a respeito Dona Cipriana, é assim a senhora disse, quantos filhos mesmo a senhora tem?

CIPRIANA: Eu tenho oito...

VANUSA: Sim.

CIPRIANA: E inclusive tenho um filho Neto, o (Trecho incompreensível).

VANUSA: A senhora pode relatar os nomes dos filhos...

CIPRIANA: Posso...

VANUSA: Por gentileza.

CIPRIANA: Todos né?

VANUSA: Isso.

CIPRIANA: Pois é, primeiro é a Maria Aparecida Rodrigues de Miranda, depois José Rodrigues de Miranda também, depois Domingas Rodrigues de Miranda, depois Itamar Rodrigues de Miranda, depois Maura Rodrigues de Miranda, depois Regina de Fatima Rodrigues de Barros, depois Eunice Rodrigues de Miranda e depois Rogerio Rodrigues de Miranda também e Denner Ferreira da Silva. O Denner é neto, mas foi eu que criei, nós criamos né, e daí hoje ele é pai de família, já está estabilizada e ainda está, aqui eu não estou sozinha porque, eu não devo ficar sozinha no meio de tanta gente, mas no caso não tem mais (Trecho incompreensível), Deus e a mãe dele, e minha mãe também.

VANUSA: Dona Cipriana, a senhora nós relatou aqui é, bom na verdade eu gostaria que se fosse possível, que a senhora nós relatasse, o que quê aconteceu com a terra onde a senhora morava, logo depois do assassinato do marido da senhora.

CIPRIANA: Pois é, infelizmente a gente perdeu tudo, perdeu na justiça, e ainda fomos ainda tirado de lá [sic], nós fomos despejados, a terra está lá hoje, eu acho que já té foi vendida [sic], mas a gente não tem mais contato né, a gente ainda foi, visitou lá, só para matar a saudade mesmo, mas acabou tudo, o que a gente fez lá, deixou acabar tudo, e hoje nós tamos né [sic], podemos dizer que tamos numa terra nossa [sic], que essa lá era para ser nossa, mas como os brigueiros falou mais alto [sic], a gente ficou sem, agente despejado, mas a gente já tinha, deu um jeitinho e

comprou uma, uma posse de um senhor lá, que queria vender, o índio estava entrando nas terras, e ele assismou de vender [sic], e aí ele vendeu para nós o, a cédula dele, eu fiquei lá oito anos, mas a minha filha adoeceu, e estava só nos duas, adoeceu e ficou mal, eu fiquei muito tempo com ela passando trabalho, baixando pro hospital [sic], voltando pra casa não conseguia ficar, nós ficamos com ela uns sete anos desse jeito sem sussego [sic], aí meus filhos que foram saindo, (Trecho incompreensível) na, nesse assentamento e eu já estava nesse assentamento lá, fiquei de (Trecho incompreensível) sindicado que ajudou fundar, sempre solidário com a gente, mostrou para nós essa posse lá, que estava para ser vendida, e aí ajudou nós, a gente comprou lá, e depois eu fiz uma permuta para outro assentamento que meu filho estava morando lá, aí eu fui e fiquei lá bem pertinho dele, já ficou muito melhor por que a terra era maior, era um lote mais pequeno [sic], mas era a terra muito boa, eu tenho, passa o rio no fundo dele, e a gente tem assim bastante liberdade lá.

VANUSA: Entendi. Outra questão Senhora Cipriana, a senhora poderia nós esclarecer, como que foi o julgamento, se houve julgamento né, depois do ocorrido do assassinato do marido da senhora.

CIPRIANA: Pois é, a gente conseguiu através dos amigos e das pessoas, hoje tem né as pessoas que se importa com as condições, nós conseguimos pôr o assassino no banco de réu [sic], tanto, por duas vezes, eu não dou conta de falar né, as épocas, eu sei que nós conseguimos [sic], só que ele não ficou preso. E aí era o Henrique né, famoso e casou o seu jeito logo de se safar né, aí quem ficou preso mesmo, foi eu e minha família né, marido ficou debaixo da terra do jeito que ele falou, foi nós que ficamos preso, mas com o tempo a gente, Deus ajudou que a gente foi libertando né, e não acabou as ameaças não, porque eles até conseguiram tirar nós da terra, mas a gente teve que, já teve um poblema de folego né pra comprar uma terrinha e passamos pra lá [sic].

VANUSA: A senhora poderia repetir o nome é do...

CIPRIANA: Do assassino né.

VANUSA: Do assassino.

CIPRIANA: Que é José Boaventura e Leandro Magalhaes.

VANUSA: Entendi.

CIPRIANA: Era um cara rico e portanto criava os filhos deles, na verdade com o nosso suor né. Porque a gente trabalhava lá (Trecho incompreensível), com muito esforço mesmo, com muita dificuldade, porque a gente não tinha nem (Trecho incompreensível) machado, braço e machado mesmo, (Trecho incompreensível) na marra, do jeito que a gente dava conta, mas não final eles levava a parte, que eles disse que era dele, ele levava a cerca inteirinha (Trecho incompreensível) e fui lá né, meus filhos divia ser criado com o nosso suor [sic], foi deles, foi o contrário né, os meus Graças a Deus não morreu nenhum, mas sofreram muito e até hoje tem sequelas desse sofrimento aí, dessa época né. (Trecho incompreensível) trabalhou tanto e não pode dar o que os filhos deles tinha, né, e a gente tem que se virar com o que sobrou né, (Trecho incompreensível) eu e os meninos, que o meu marido já não ficou, mas a gente teve a Graça de Deus de tá (Trecho incompreensível).

VANUSA: A senhora lembra de algum acontecimento, algo que aconteceu, a senhora fala que com os filhos da senhora sofreram muita opressão né, naquela época principalmente e até mesmo depois da perda do pai, a senhora se lembra de algum acontecimento em especial? Que alguns dos filhos da senhora passou?

CIPRIANA: Sim. Infelizmente é muitos, é eu tenho um filho, acho que é o quinto, é o quarto filho....

VANUSA: Qual o nome do filho.

CIPRIANA: Itamar Rodrigues de Miranda, (Trecho incompreensível), mas ele ficou dando crise né, sofrendo epilepsia e ele não podia misturar com bebida alcoólica, mas com essa dele ter ficado muito chateada (Trecho incompreensível), ele é um menino rebelde assim, dava muito trabalho porque ele não conseguia ser igual aos

outros né, aquela chama que ele tinha aí, ele na época lá ele bebeu né (Trecho incompreensível). Trabalhou tanto, prantou feijão [sic], colheu feijão, (Trecho incompreensível) nas costas, levou pra uma cidadezinha (Trecho incompreensível) de pé, pra vender esse feijão e comprou um revolver, eu fiz isso (Trecho incompreensível) comprou esse revolver aí oh, (Trecho incompreensível) que eu quero muito, é aí comprou, chegou com um revolver (Trecho incompreensível), eu falei tudo bem, você não obedeceu, comprou, mas então você vai me ouvir, você guarda esse revolver, não sai com ele não porque isso é um perigo, tanto para mim, quanto para você, (Trecho incompreensível), eu comprei uma arma tão bonita desse jeito, pra deixar guardada. Eu, pois é não devia ter comprado, você não pode (Trecho incompreensível) você sabe que, revolver pra que é né? E não deve usar não. Aí ele chegou em um sete de setembro lá (Trecho incompreensível) esse revolver e foi pra festa, e eu lá, chegou lá e começou, bebeu né, (Trecho incompreensível) voltou lá e pegou esse revolver e foi lá para o samba né, pagode, e começou a falar (Trecho incompreensível), ele era muito encharcado contra a polícia, porque as policias judiava muito de nós, ele tinha muito ódio das policias, e aí ele dopado, falando muito, a polícia mandou ele, olhar o que você tem, (Trecho incompreensível) só que ele estava preparado e não deixou acertar em ninguém, (Trecho incompreensível) foi para cadeia, apanhou muito, quebraram dente dele, jogou ele na cadeia dele e disse (Trecho incompreensível) presos (Trecho incompreensível) tá direto com ele [sic], isso para uma mãe, e que já tinha passado tanto trabalho, não ficou barato não, foi difícil para mim. Aí eu tinha vindo (Trecho incompreensível) tratamento, tratando do marido desaparecido, (Trecho incompreensível) que ele estava preso e desse jeito né, e (Trecho incompreensível) e tirou ele da cadeia, trouxe pra cá, mas ele era muito desorientado, muito difícil, deu um trabalho para esse rapaz entrar (Trecho incompreensível) nó [sic], já nós 40 anos que ele foi virar homem mesmo. Mas Graças a Deus, hoje ele é um homem trabalhador muito responsável, casou, tem família, cuida direitinho, tem um filho fora do casamento, mas quando ele casou ele já tinha o filho, cuida muito bem, e é um

filho que me ajuda muito, hoje ele reconhece o tanto (Trecho incompreensível) trabalho né, hoje ele tenta compensar com a ajuda, vale muito a pena né, tipo de ter passado por isso e no final entrou nos triks está bom né [sic].

VANUSA: É a senhora disse também, a senhora e a família ajudou na fundação do sindicato? Aonde era esse sindicato?

CIPRIANA: Esse sindicato é na cidade de Unai. Que é, fica, não sei quantos quilômetros exatamente, mas fica duas horas de Brasília, é bem perto, e está crescendo muito, só que Unai é uma cidade que ela é muito pressionada por fazendeiro. É muito fazendo grande, e operando (Trecho incompreensível), mas eu vou falar o que eu acho, uma, eles são umas, ele foi lá e morreram uns, como é que chama o ministério do trabalho....

VANUSA: Os agentes?

JOSÉ ALEXANDRE: Os fiscais.

VANUSA: Fiscais?

CIPRIANA: Os fiscais do ministério do trabalho, e o pessoal lá tem assim (Trecho incompreensível) muito diferente do que devia ser, e (Trecho incompreensível) o povo voltou nele (Trecho incompreensível). Eu acho até que não foi o mal governo não, mas essa, essa ideia de tirar ele da cadeia para governar, acho que é muito ruim porque, a gente já tinha, já sabia que era para (Trecho incompreensível) continua porque não teve uma punição que, né, os outros pode está até sendo punido né [sic], mas o cara que estava na cadeia não está, está levantando o braço a hora que quer, isso para nós incomoda, porque a gente estava quetinho né [sic], a gente precisa de, da política de Unai (Trecho incompreensível), dentro de uma fornalha de fogo, e os pobres tem muita dificuldade de passar.

VANUSA: Qual que é o nome do sindicato, Dona Cipriana?

CIPRIANA: É Sindicato dos trabalhadores rural de Unai. (Trecho incompreensível).